

# Serra da Mesa

ALTAIR SALES BARBOSA

**E**mbora não sejamos nenhuma espécie de futurólogo, não nos é difícil avallar o grande impacto que a construção e formação do lago da Usina Serra da Mesa causarão sobre o bioma cerrado.

Este impacto agirá de forma negativa sobre um ecossistema que teve processos evolutivos peculiares. Somente o tempo é capaz de demonstrar todos estes danos, e quando isto acontecer certamente comentaremos muito a nossa omissão diante de tal fato: comentaremos a ineficácia de nossas ações e nossos conhecimentos para influenciar nossos políticos a tomarem as decisões corretas, questionaremos a razão da existência de órgãos públicos e universidades que deveriam cuidar, zelar e proteger o patrimônio ambiental e cultural, como reais patrimônios da humanidade e não momentos capazes de atribuir a empresas de consultoria lucros efêmeros.

Para entendermos alguns aspectos deste impacto, gostaríamos de salientar alguns pontos.

- O cerrado é um sistema biogeográfico, composto por diversos subsistemas interatuantes; qualquer modificação num desses subsistemas provoca modificação no sistema como um todo.

A área de cerrado dos chapadões centrais da América do Sul deve ser entendida como um sistema biogeográfico, composto por subsistemas interatuantes e interdependentes tanto no aspecto florístico como no aspecto da fauna. Há ambientes secos e úmidos durante todo o ano. A vegetação varia de um gradiente de campo limpo até um gradiente de mata. Esta diversidade de ambiente empresta à biodiversidade do cerrado um caráter peculiar e seus aspectos evolutivos fazem com que processos culturais diferenciados também ocorram de forma sui generis, transformando a região do cerrado numa espécie de fronteira cultural.

Na realidade, alguns dos mais importantes processos culturais americanos nasceram no cerrado, como a formação do tronco linguístico Macro-jê, a domesticação e disseminação de certos tubérculos e outros

vegetais e o desenvolvimento de tecnologia de caça, pesca e processamento de recursos vegetais nativos e cultígenos.

O estudo detalhado de diversas comunidades indígenas habitantes do cerrado demonstra que essas populações aprenderam sabiamente a desenvolver mecanismos adaptativos e planejamento ambiental e social capazes de lhes permitir vida em abundância. Assim são os caiapós, que habitam as áreas mais elevadas, os carajás, específicos da Calha do Araguaia, os xavantes etc.

Todos estes fatores reunidos fazem com que o cerrado seja um laboratório antropológico único, no qual se deve olhar e aprender para, com sabedoria, planejar o futuro.

- O patrimônio genético vegetal e animal:

A flora do cerrado é uma das mais ricas do Planeta, entretanto seu verdadeiro valor é desconhecido, por falta de pesquisas. Um espaço geográfico de tal ordem modificado, numa área onde sabemos estar estrategicamente situado do ponto

de vista científico, inevitavelmente fará desaparecer espécies endêmicas raras que ainda não mereceram a devida atenção científica.

Por outro lado, a formação do lago constituirá um grande obstáculo para a migração da fauna terrestre do cerrado, causando entropias seríssimas, capazes de levar à extinção algumas das espécies da nossa fauna.

- O patrimônio cultural:

Na área em questão existem tesouros culturais de fundamental importância para a humanidade, não só no aspecto arqueológico, mas também no aspecto etnológico, uma vez que comunidades indígenas e neobrasileiras de histórias riquíssimas sobrevivem na região.

Quanto ao patrimônio arqueológico, o trabalho de salvamento efetuado não é capaz de salvar nem 10% das informações que um sítio pode fornecer - assim mesmo, dentro do paradigma de conhecimento que temos hoje. Por isso, nenhum arqueólogo responsável diria que salvou ou resgatou o patrimônio da área.

Enquanto o desejo de explorar o cerrado tiver raízes centradas no lucro e não levar em consideração o ambiente como um todo, a possibilidade de um programa racional de desenvolvimento será nula. Ao entrarmos no final do Século XX, encontra-se em suspenso o destino do cerrado. Se as próximas décadas trarão sua ruína ou solução, ainda não se pode dizer.

Conhecendo a dimensão da obra Usina de Serra da Mesa e de maneira geral como funciona a seleção natural, podemos prever com toda a segurança que, das espécies que restaram, poucas serão pré-adaptadas à nova configuração ambiental da área e certamente sucumbirão. Com certeza as gerações futuras terão de pagar muito caro pelo preço ambiental destas obras, que refletem um modelo de desenvolvimento que não considera as questões ambientais e não têm nenhum compromisso com o futuro.

ALTAIR SALES BARBOSA É DIRETOR DO INSTITUTO DO TRÓPICO SUBÚRBO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

